

---

OS JOVENS E O FENÓMENO MIGRATÓRIO:  
COESÃO NACIONAL  
E  
PROJECCÃO DE PORTUGAL NO MUNDO

---

*Félix Neto*

---

OS JOVENS E O FENÓMENO MIGRATÓRIO:  
COESÃO NACIONAL  
E  
PROJECÇÃO DE PORTUGAL NO MUNDO

---

Desde o século XV que, no dizer do escritor transmontano, Portugal «uma pequena pátria exporta inesgotavelmente (...) essa gente singular» (Torga, 1969, p. 103).

Historiadores contemporâneos não têm hesitado em considerar a emigração portuguesa como um «fenómeno histórico estrutural» (Serrão, 1974) ou como uma «constante estrutural» (Godinho, 1978) ou como «um dos traços estruturais da história de Portugal» (Marcadé, 1990).

Hoje em dia o fluxo migratório não se reveste da imponente vaga de deslocação de massas além fronteiras que se conheceu nos anos 60 e início dos anos 70: em 1970 emigraram cerca de 180 000 pessoas e em 1986 menos de 9 000. Mesmo que o fenómeno migratório se tenha reduzido na última década, a migração continua a ser um fenómeno de vastas proporções pelo elevado número de compatriotas que vivem na diáspora. Em 1982, segundo avaliação da Secretaria de Estado da Emigração e das Comunidades Portuguesas a população portuguesa residente no estrangeiro elevava-se a 3 871 390 pessoas num país com cerca de 10 milhões de habitantes.

A propósito do caso particular da população jovem, um inquérito efectua-do sobre a direcção científica de Maria Beatriz Rocha-Trindade (Rocha-Trin-dade, Baptista, Mendes, e Teodoro, 1988) forneceu-nos indicações fecundas. Este estudo teve como objectivo interrogar a população escolarizada, directa e indirectamente ligada à emigração, que frequentava em 1984/85 o ensino secundário oficial diurno português no Continente. O inquérito que visava ser exaustivo no interior da população definida, permitiu recolher respostas de 34 525 alunos com ligações directas e indirectas à emigração, ou seja, mais de 8% da população escolarizada nas escolas contactadas. Para nos darmos conta da amplitude deste fenómeno basta lembrar que se existisse um distrito, idealmente construído, este seria o quarto do país, colocado por ordem de grandeza, logo a seguir a Lisboa, Porto e Setúbal.

Nesse trabalho consideraram-se como sendo jovens directamente ligados à emigração os que, nascidos em Portugal, foram depois residir no estrangeiro durante um período superior a um ano, ou tendo aí nascido, acompanharam os seus pais aquando do regresso definitivo ao país de origem. Estes jovens correspondiam a 63,2% dos filhos de migrantes que responderam ao inquérito, de que 32,1% nasceram no estrangeiro e 31,1% nasceram em Portugal, mas residiram no estrangeiro.

Hoje uns vivem directamente a migração, outros contactam-na indirectamente através dos que a vivem, ou dos meios de comunicação de massas, e porventura projectam um dia emigrar. Omnipresente numa perspectiva diacrónica e sincrónica, a migração representa sem dúvida um dos mais significativos fenómenos sociais do povo português.

Nas investigações sobre as migrações os tipos de abordagem e os níveis de análise são múltiplos. Duchac (1974), por exemplo, distingue três abordagens principais no estudo dos fenómenos migratórios: (1) a migração como *fenómeno estatístico*; (2) a *percepção política* dos fenómenos migratórios; e (3) os migrantes, *actores da migração*. Esta última perspectiva pressupõe que «o migrante seja apreendido como indivíduo, com as suas características psicológicas originais, a sua história pessoal, a sua inserção em pequenos grupos em que não é considerado como uma unidade anónima — em primeiro lugar o grupo familiar — enfim, a sua visão particular da existência social. Sob este prisma, a sociologia das migrações constitui-se conjuntamente com uma psicossociologia do migrante» (Duchac, 1974, pp. 343-344).

Mas nem todos os participantes do acontecimento migratório são actores, como seja o caso dos habitantes dos países receptores de emigração ou as pessoas que no seu país «in situ», implicadas pela partida de familiares, ou simplesmente pelas consequências da emigração são colocadas, porventura, perante a alternativa — ficar ou partir. Daí que nos tenhamos proposto a alargar o campo de estudo a uma faceta complementar da migração e bem menos estudada, os observadores participantes.

No âmbito da perspectiva da «*migração através dos seus actores e observadores participantes*» (Neto, 1986) serão tecidas algumas considerações, alicerçadas em investigação empírica que se vem prosseguindo desde os anos setenta.

Serão sucessivamente abordados os modos de aculturação, mudanças psicológicas, identidade nacional e projectos migratórios.

## MODOS DE ACULTURAÇÃO

Um dos conceitos fundamentais da psicologia do indivíduo colocado perante mudanças socio-culturais rápidas, é o de aculturação.

Os estudos psicológicos da aculturação revestem-se hoje em dia de uma grande importância em muitas culturas tocadas pela migração internacional, pela descolonização, pelo exílio de refugiados, pelo turismo e pelas telecomunicações.

Redfield, Linton e Herskovits (1936) definiram a aculturação como sendo o conjunto de mudanças culturais em resultado de contactos contínuos e directos entre dois grupos culturais independentes. Dentro desta perspectiva, a aculturação aparece como um fenómeno que se realiza ao nível dos grupos. Todavia, depois da publicação do artigo de Graves (1967) houve uma extensão do conceito à dimensão psicológica do indivíduo, utilizando-se neste caso o termo de aculturação psicológica. A este segundo nível, a aculturação refere-se a mudanças que um indivíduo experiencia em resultado de estar em contacto com outras culturas e de participar no processo de aculturação por que passa o seu grupo cultural ou étnico.

Esta distinção entre aculturação e aculturação psicológica é importante pelo menos por dois motivos. Por um lado, os fenómenos são diferentes, pois ao nível populacional ocorrem frequentemente mudanças na estrutura social, na economia, na organização política, enquanto que ao nível individual as mudanças surgem no comportamento, na identidade, nos valores e nas atitudes. Por outro lado, nem todos os indivíduos em aculturação participam nas mudanças colectivas em acção no grupo no mesmo grau ou do mesmo modo.

Uma abordagem para o estudo da aculturação baseia-se num modelo que se focaliza no processo linear de assimilação (e.g. Glazer e Moynihan, 1963; Gordon, 1964). Segundo essa abordagem os indivíduos num grupo em aculturação deixarão os seus valores e hábitos culturais e adoptam atitudes e comportamentos característicos da sociedade dominante. O estágio último da adaptação é visto como sendo a absorção dos grupos em aculturação para formar uma sociedade homogénea e unitária. Se este modelo fosse válido a migração contribuiria para uma diminuição da coesão nacional do país de origem. A identidade cultural do país e origem de que o migrante é portador seria completamente fagocitada.

O modelo unicultural pressupõe que a sociedade receptora é monista ou pelo menos evolui para esse estágio. Todavia a validade de tal afirmação já foi posta em causa. Por exemplo, Glazer e Moynihan (1963) postulam que os grupos étnicos nos Estados Unidos seriam assimilados na sociedade americana e desapareceriam gradualmente. Todavia concluíram também que a etnicidade não só tinha sobrevivido como ressurgido tendo-se tornado muito mais saliente que antes (Glazer e Moynihan, 1975).

Berry (1980) propôs um modelo intercultural alternativo em que a linearidade do processo de aculturação não é postulada. Trata-se de um modelo multilinear na medida em que postula um conjunto de alternativas e não só uma dimensão que culminaria com a assimilação ou absorção numa sociedade «moderna».

Esse modelo dá conta dos possíveis modos de aculturação que um indivíduo ou um grupo podem adoptar: Assimilação, Integração, Separação e Marginalização. Opta-se pela Assimilação quando se abandona a sua identidade cultural em favor da da comunidade dominante. A opção Integração implica a manutenção parcial da identidade cultural do grupo étnico juntamente com uma participação cada vez mais acentuada no seio da nova sociedade. No caso do indivíduo não procurar estabelecer relações com a comunidade dominante é querer guardar a sua identidade cultural, opta pela Separação. Todavia, se é o grupo dominante que impede o estabelecimento das relações e obriga o grupo não-dominante a manter as suas características culturais, fala-se de Segregação. A diferença fundamental entre Separação e Segregação localiza-se no desejo e no poder que tem o grupo étnico de decidir a sua orientação. Não é fácil definir a quarta opção talvez porque se acompanhe muitas vezes de confusão e de *stress* quer individual quer colectivamente. Esta situação, visto não se tratar verdadeiramente de uma opção é a da Marginalização, isto é o estado em que o grupo não-dominante perdeu a sua identidade cultural (muitas vezes por causa da política do grupo dominante em direcção da assimilação) e não tem o direito de participar no funcionamento das instituições e na vida do grupo dominante por causa de práticas discriminatórias.

Os modos de aculturação são amplamente determinados pelo grupo dominante, como se viu já a propósito da Separação/Segregação. A escolha por um grupo em aculturação da assimilação não é independente da pressão

da sociedade dominante em relação a esse modo de aculturação que pode oscilar de pouca a muita. Do mesmo modo a integração só é possível no caso da sociedade receptora ser tolerante e valorizar a diversidade. Enfim, como se referiu, a situação de Marginalização é muitas vezes o resultado de políticas do grupo dominante.

Se nestes quatro modos de aculturação o grupo dominante desempenha um papel importante, existem também variações interindividuais. Por exemplo, num mesmo grupo de migrantes podem-se encontrar pessoas que favorecem a Assimilação, enquanto que outros inclinam-se mais para a Integração ou para a Separação. Acontece pois que as diferentes opções são fontes possíveis de conflito entre os indivíduos que passam por um processo de aculturação.

Para se ilustrarem estes quatro modos de aculturação, apresentar-se-á o caso de uma família que emigrara do distrito de Bragança para a região parisiense no começo dos anos 70. O casal Costa tem dois filhos.

O pai trabalha na construção civil com outros compatriotas numa empresa portuguesa, participa numa associação portuguesa e aos domingos vai à missa celebrada por um padre português. Utiliza o português nas interacções da vida quotidiana e tem pouco conhecimento do francês. Sente-se incapaz de trabalhar rodeado de pessoas da sociedade receptora. As suas actividades culturais desenrolam-se unicamente entre compatriotas. O senhor Costa utiliza a estratégia da separação, evoluindo virtualmente no mundo lusitano nas suas actividades pessoais, sociais e culturais.

Ao invés, a mãe inclina-se mais para a integração. É porteira. Contacta com os habitantes do seu prédio e efectua em casa de alguns deles trabalhos domésticos. Seguiu aulas de francês pouco tempo depois da sua chegada a França, possuindo um conhecimento relativamente bom do francês. Participa numa associação franco-portuguesa, passa a maior parte do seu tempo livre em interacções sociais com pessoas francesas e portuguesas e interessa-se pela actualidade política francesa.

A filha aborrece-se de ouvir falar o português em casa, de se cozinhar à moda portuguesa, pois o pai gosta muito da cozinha portuguesa, e de passar a maior parte do seu tempo de lazer na companhia de familiares. A sua preferência vai para a assimilação. Fala um francês impecável, participa com agrado e empenho em actividades circum-escolares com colegas geralmente franceses.

Finalmente, o filho não quer reconhecer ou aceitar a sua «herança cultural portuguesa», pondo em questão a sua utilidade no novo país dos pais. Todavia acontece que é rejeitado pelos seus colegas, pois fala o francês com sotaque e interessa-se muito pouco pelas actividades de lazer fora dos tempos lectivos. Sente-se como tendo duas identidades possíveis não aceitando nem tão pouco sendo aceite pelos outros. Experimenta assim a marginalização social e comportamental, tendo dificuldades de inserção social e de sucesso escolar. São também frequentes os conflitos com a irmã e os pais.

Num estudo recente foi tentada a avaliação das atitudes de jovens de origem portuguesa em França em relação à aculturação o que se reveste de importância para compreendermos melhor as diferentes opções do processo adaptativo (Neto, 1990). Em toda uma variedade de domínios da vida quotidiana na sociedade receptora estas diferentes opções revestem-se de extrema importância. Por exemplo, na escola, no trabalho, nas relações sociais, os indivíduos em aculturação prosseguirão estratégias divergentes no seu evoluir na sociedade receptora. Ora o conhecimento dessas estratégias e dos factores que lhe estão associados poderá contribuir para a formulação de políticas e de programas nos domínios referidos.

O exame dos *scores* médios dos vinte itens que compõem cada escala mostra claramente dois agrupamentos. A Integração está claramente do lado manifestando o acordo da escala de Likert — indo de totalmente em desacordo (1) a totalmente de acordo (5) — e a Assimilação, a Separação e a Marginalização do lado do desacordo (quadro 1).

Quadro 1: *Scores* médios dos itens das escalas das atitudes em relação à aculturação

<i>Modo de Aculturação</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio-padrão</i>
Integração	3,92	0,39
Assimilação	2,27	0,45
Separação	2,40	0,51
Marginalização	2,61	0,52

Os resultados deste estudo puseram em evidência uma forte preferência pela Integração enquanto modo de aculturação. A principal dinâmica na experiência de aculturação dos jovens passa pelo desejo de estar em duas culturas numa sociedade pluralista e não de viver entre duas culturas. Por conseguinte estes jovens preferem preponderantemente manter pelo menos

parcialmente a sua identidade cultural, muito embora estando também abertos aos valores na sociedade receptora.

### MUDANÇAS PSICOLÓGICAS

Que mudanças podem acompanhar a aculturação? Em primeiro lugar podem ocorrer mudanças físicas (um novo lugar para viver, um novo alojamento, aumento de densidade populacional, urbanização, poluição, etc); há também mudanças biológicas (nova alimentação, novas doenças, etc); observam-se igualmente mudanças políticas (perca de autonomia, etc), económicas (podendo-se passar de formas de emprego tradicionais para novas formas), culturais (a língua, a religião, a educação de origem são muitas vezes alteradas ou até modificadas, etc) e sociais (novas relações interindividuais e intergrupais, etc). Enfim, podem ocorrer mudanças psicológicas ao nível individual.

Uma das consequências mais frequentes referidas da aculturação é a desintegração social e crise pessoal. As pessoas podem sentir-se perdidas na mudança, dado que muitas vezes desaparecem as normas culturais antigas. Por exemplo, ao nível do grupo os antigos padrões de autoridade podem deixar de funcionar e ao nível do indivíduo pode surgir a incerteza, a confusão de identidade, a depressão, a solidão. O *stress de aculturação* constitui assim o lado negativo da aculturação que mesmo que seja frequente não é inevitável.

Para além do *stress* de aculturação em consequência da aculturação podem surgir mudanças comportamentais. Ressaltam neste domínio quatro áreas de investigação: (a) a mudança nos padrões de utilização da linguagem, (b) o estudo das mudanças na personalidade, (c) mudanças nas atitudes, e (d) o estudo da mudança perceptual e cognitiva. Entre os muitos comportamentos que poderiam ser abordados limitaremos a nossa análise aos *estereótipos sexuais* e às *preferências profissionais*.

#### *Stress* de aculturação

O conceito de *stress* tem sido amplamente utilizado na recente literatura psicológica e médica (e. g. Dohrenwend e Dohrenwend, 1974; Lazarus, 1966, 1980; Selye, 1976). Em geral, o *stress* é um conceito que serve para identificar um estado fisiológico e psicológico do organismo que responde a condições do

meio (agentes de *stress*) por um processo confronto («coping»), em vista a uma adaptação satisfatória à situação proposta (Selye, 1976). O conceito de *stress* de aculturação (Berry e Annis, 1974) refere-se a uma forma de *stress* cuja origem está no próprio processo de aculturação, manifestando-se por problemas de saúde mental (confusão, depressão, angústia, etc.), sentimentos de marginalidade e de alienação, aumento do nível de sintomas psicossomáticos e dificuldades indentificatórias. Por consequência, o *stress* de aculturação acarreta uma redução na saúde dos indivíduos e pode incluir aspectos físicos, psicológicos e sociais.

Note-se todavia que o *stress* não é necessariamente negativo. Também pode ser uma força positiva e criadora que estimula e motiva o funcionamento psicológico do indivíduo.

Pode-se ver no quadro 2 nove dificuldades sentidas em França pelos jovens de origem portuguesa (Neto, 1990). São apresentadas por ordem decrescente de dificuldade mencionada pelos jovens. As três principais dificuldades referidas são as saudades, o alojamento e o racismo. As três dificuldades menos frequentemente evocadas são a língua francesa, a saúde e a alimentação. As nove dificuldades apresentam todas elas correlações significativas e positivas com o *stress* de aculturação. As correlações mais elevadas são com a solidão ( $r=.33$ ) e com a dificuldade em fazer amigos ( $r=.31$ ).

Quadro 2: Dificuldades sentidas pelos jovens de origem portuguesa em França (ordenação e correlações com o *stress* de aculturação)

	<i>Percentagem de sujeitos que responderam «muitas vezes» e «algumas vezes»</i>	<i>Correlação com o «stress» de «aculturação»</i>
Saudades	52,5	.18**
Alojamento	29,5	.18**
Racismo	24,5	.25***
Fazer amigos	21,4	.31***
Solidão	20,2	.33***
Clima	18,5	.28***
Língua francesa	14,4	.15*
Saúde	11,5	.28***

\*  $p<.05$ ; \*\*  $p<.01$ ; \*\*\*  $p<.001$ .

O *score* médio da escala de *stress* foi de 5,8 (desvio-padrão = 3,6). Faltam-nos por agora dados recolhidos com este instrumento no contexto europeu para situarmos este valor relativamente ao que se possa encontrar noutro tipo de amostras. Todavia dados recolhidos num outro contexto, Canadá (Berry e Kim, 1987) e com outras características socio-demográficas da população, o que impõe muita precaução em qualquer extrapolação que se possa fazer, situam a média da amostra de jovens portugueses em França como apresentando altos valores de *stress*, algo semelhantes aos encontrados em grupos não-voluntários (autóctones e refugiados). Assim, para os autóctones a média geral foi de 5,45 (desvio-padrão = 3,8) e para os refugiados o *score* médio foi de 5,62 (desvio-padrão = 3,8). Foi encontrado no Canadá um nível intermédio de *stress* em estudantes estrangeiros (média 4,14, desvio-padrão = 3,2). Os dois grupos que experienciavam menor *stress* eram os Imigrantes e os Grupos Étnicos de origem sobretudo Anglocéltica (respectivamente 3,08 e 2,68).

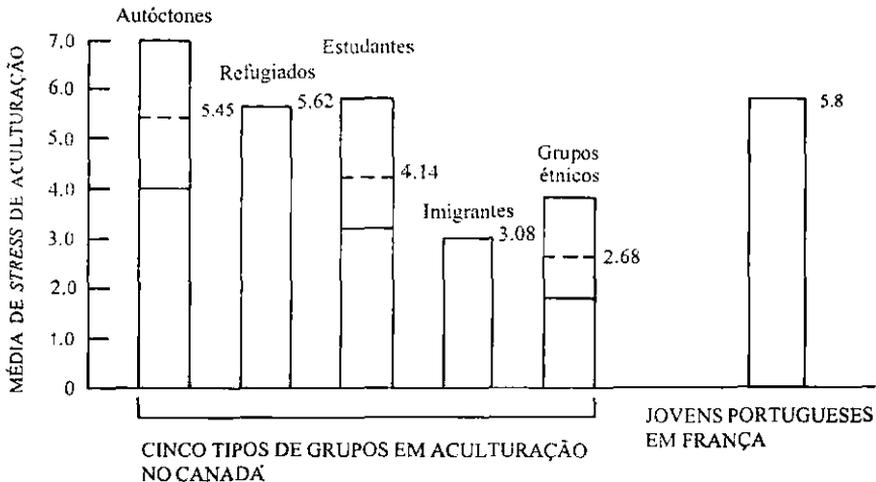


Figura 1: Scores de *stress* em cinco grupos em aculturação no Canadá e em jovens portugueses em França

Fonte: Berry e Kim (1987) para os dados canadianos

Apesar da precaução que exige a comparação do nível de *stress* encontrado nos resultados apresentados com outros dados existentes, os filhos de migrantes parecem ter um elevado nível de *stress* de aculturação. Para tal

podem contribuir vários factores. Em primeiro lugar, estamos perante um grupo que não emigrou voluntariamente. Aliás, esses jovens encontram-se na encruzilhada de duas culturas sem eles próprios terem emigrado. Este contacto de culturas se foi voluntariamente desejado pelos seus pais pode não ser o seu caso. É curioso notar-se que o nível de *stress* da amostra portuguesa é bastante semelhante ao de grupos involuntários (autóctones e refugiados) em aculturação no Canadá. Em segundo lugar, convém também não perder de vista que os jovens entrevistados estavam experienciando uma «crise de identidade». Ora inscreve-se nesta crise, a resolução da sua identidade étnica. Neste período de vida, se uma tal crise pode ser dilaceradora e patológica, não se pode concluir que as consequências patológicas sejam inevitáveis.

Em particular, as atitudes dos jovens em relação à experiência de aculturação são importantes na sua experiência de *stress*. Aqueles cujas atitudes em relação à aculturação eram favoráveis à Integração manifestaram maior saúde mental do que aqueles que eram favoráveis à Separação. Um nível intermédio de *stress* apareceu nos sujeitos com atitudes favoráveis à Assimilação. Mas mais importante, os indivíduos que se sentiam Marginalizados experienciavam o maior *stress* de aculturação. Dos diferentes modos de aculturação a Marginalização é o termo de predição que mais contribui para os valores de *stress*.

### *Estereótipos sexuais*

A natureza e o conteúdo dos estereótipos têm sido desde há muito tempo alvo da atenção dos psicólogos sociais. Lippman (1922) já falara da influência exercida sobre o nosso comportamento pelos estereótipos ou «imagens da nossa cabeça» que se intercalam entre a realidade objectiva e a percepção que temos dela.

Embora a maior parte do trabalho clássico sobre os estereótipos esteja relacionado com crenças e atitudes acerca de grupos étnicos, investigações mais recentes têm focalizado os estereótipos sexuais. Tais estudos têm mostrado que crenças estereotipadas dos papéis e características masculinas e femininas persistem, apesar da existência de movimentos que lutam pela igualdade dos dois sexos.

Os estereótipos são sistemas de crenças que se atribuem a membros de grupos simplesmente pelo facto da pertença a esses grupos. Os estereótipos

dos traços sexuais são constelações de características psicológicas ou de traços comportamentais que se pensa caracterizarem os homens com muito maior (ou menor) frequência que as mulheres.

Procurou-se saber qual era o conhecimento que crianças portuguesas residentes no estrangeiro e em Portugal tinham a propósito dos estereótipos sexuais (Neto, 1990). Examinou-se o efeito conjunto da residência (filhos de pais portugueses residindo em França, crianças residindo em Portugal com implantação urbana e rural), da idade (oito e onze anos), do sexo e do *subscore* (traços femininos e traços masculinos).

Os dados apontam para um aumento significativo no conhecimento dos estereótipos sexuais nas crianças portuguesas dos 8 para os 11 anos. Estes dados são geralmente congruentes com os dados de outros países onde se estudou esta faixa etária (Williams e Best, 1990). Neles, é claro que o desenvolvimento dos estereótipos sexuais é um processo gradual iniciando-se antes dos cinco anos e prolongando-se para além dos 11 anos. Estudos feitos nos Estados Unidos indicam que alguns dos aspectos mais subtis dos estereótipos sexuais continuam a aprender-se durante a adolescência (Williams e Best, 1990).

Os dados põem igualmente em evidência um maior conhecimento dos estereótipos sexuais nas crianças portuguesas residentes em zonas urbanas, quer em Portugal quer em França, que em zonas rurais. Uma das maiores fontes de aprendizagem de estereótipos sexuais entre crianças nos Estados Unidos é a televisão e os outros meios de comunicação (v.g. McGhee e Frueh, 1980; Seternglantz e Serbin, 1974). Muito embora seja possível haver diferenças intelectuais que favoreçam as crianças urbanas, o maior conhecimento dos estereótipos sexuais por parte das crianças urbanas parece estar mais provavelmente relacionado com características da experiência urbana, como seja uma maior exposição aos meios de comunicação de massa.

Verificou-se haver também um maior conhecimento dos estereótipos sexuais nas crianças residentes em zonas urbanas em França que em Portugal. A explicação deste resultado não é simples, sendo necessário efectuar-se mais investigação para a clarificar. Se o tipo de contacto com os meios de comunicação de massa pode ser diferente em zonas urbanas portuguesas e francesas, também pode acontecer que muito embora tenha sido homogeneizada do ponto de vista do nível sociocultural dos pais, a migração tenha contribuído para melhorar o estatuto socio-económico das famílias, aproximando-as porventura dos padrões das famílias de nível sociocultural médio, residentes em Portugal. Se compararmos os dados agora encontrados, a propósito da

interacção idade e residência, com dados anteriores em que se examinaram os estereótipos sexuais de crianças portuguesas dos três níveis socioculturais (Neto, Williams, e Widner, 1991), essa explicação não é infirmada, pois o padrão de respostas aproxima-se das crianças do nível sociocultural médio em Portugal, a esse respeito. Assim, verificou-se no presente estudo, que as crianças residentes em Portugal obtiveram um ganho acentuado no conhecimento de estereótipos sexuais dos 8 para os 11 anos, o que não foi o caso das crianças residentes em França em que o ganho desse conhecimento nesses grupos etários foi bem menor. No estudo que se efectuou anteriormente, só com crianças portuguesas, verificou-se a tendência para as crianças do nível sociocultural médio terem maiores ganhos no conhecimento dos estereótipos sexuais dos 5 para os 8 anos, enquanto que as de nível sociocultural baixo tinham maior ganho dos 8 para os 11 anos.

#### *Preferências profissionais*

Um estudo efectuado a propósito das preferências profissionais (Mullet e Neto, 1988) mostra-nos que os processos de aculturação com que se confrontam as pessoas cujos factores culturais são diversos, não obedecem à lei do tudo ou nada. No caso vertente, os determinantes das preferências profissionais estão próximos quer do grupo de pertença, quer do grupo de meio de vida e de acolhimento, quer ocupam posições intermediárias.

Neto, Mullet e Henry (1988) estudaram numa perspectiva intercultural, recorrendo a um método derivado da Teoria do Julgamento Social (Brehmer e Joyce, 1988), o impacto de diferentes determinantes, Prestígio, Ordenados, Intelectual-Manual..., sobre as preferências profissionais de adolescentes portugueses e franceses com 14-15 anos de idade. Encontraram-se diferenças sensíveis no impacto de quatro dos determinantes estudados. Como fora previsto pelos autores, o determinante Ordenados (e correlativamente Prestígio) tem mais impacto nas preferências profissionais dos adolescentes portugueses. Estes preferem mais que os franceses as profissões que julgam serem melhor remuneradas e isto pode explicar-se tendo em conta o relativo fraco nível de vida em Portugal. Como fora igualmente previsto plos autores, o determinante possibilidades de Promoção profissional tem também mais impacto nos adolescentes portugueses. Os jovens portugueses preferem mais que os franceses as profissões que julgam oferecerem mais possibilidades de pro-

moção. Isto pode explicar-se pelo facto da menor taxa de escolarização em Portugal onde a promoção passa mais pelo trabalho. Uma quarta diferença diz respeito ao determinante Intelectual-Manual. As preferências dos Portugueses vão mais para as profissões julgadas mais manuais.

Este estudo foi efectuado com uma vasta amostra de adolescentes portugueses escolarizados em Portugal e com adolescentes franceses escolarizados em França, tendo sido controlados os efeitos das variáveis sexo e nível socio-cultural dos pais. Contudo uma fracção da população dos adolescentes portugueses vive e está escolarizada em França (Neto, 1985). Que é que neles determina as suas preferências profissionais? O impacto dos determinantes citados mais acima será parecido ao dos Franceses ou ao dos Portugueses? Por outros termos que factor cultural vai predominar, o ligado ao grupo de pertença (português) ou o ligado ao meio de vida e de acolhimento (francês)?

O estudo de Neto et al. (1988) (cf. igualmente Mullet e Neto, 1988) foi retomado integralmente: mesmo material (42 pares de profissões, em português ou em francês. à escolha dos adolescentes), mesmas instruções (designar das duas profissões, a que gostaria menos de exercer mais tarde, a que parece oferecer ordenados mais elevados...), mesmos tratamentos (cálculo dos graus de acordo). Só a população é diferente. É constituída por adolescentes portugueses dos dois sexos escolarizados em França (Paris e arredores). Toda a amostra é constituída por jovens nascidos em França de pais portugueses.

Tratando-se da dimensão Prestígio o grau de acordo médio que se observou é de 28,67 (em 42), muito próximo do grau de acordo observado na população portuguesa (28,42) que na população francesa (25,90,  $F_{1,241} = 7.52$ ,  $p < .01$ ). Tratando-se da dimensão Ordenados o grau de acordo médio é de 26.85, mais fraco do que o dos Portugueses (27,72) mas contudo mais próximo deste último que do dos Franceses (25,75). O padrão dos resultados é muito vizinho tratando-se do determinante Promoção. O grau de acordo médio é de 25,75, intermediário entre o observado em França (24,47) e em Portugal (26,64). No que diz respeito ao determinante Intelectual-Manual, desta vez este determinante é mais perto dos Franceses (21,50) que se situam os Portugueses escolarizados em França (21,20,  $F_{1,345} = 5.18$ ,  $p < .025$ , contra 23.30 em Portugal).

Os adolescentes portugueses escolarizados em França vivem em famílias cujos ordenados são relativamente mais elevados do que em Portugal sem todavia atingir o nível médio em França. É portanto bastante natural que o

impacto deste determinante seja, nesta população, intermediário. O mesmo raciocínio pode ser aplicado ao caso do determinante Promoção; os jovens portugueses têm acesso ao sistema escolar francês, na mesma condição que os jovens franceses. Infelizmente esses jovens não têm aí tanto sucesso escolar. Pelo contrário no que diz respeito ao Prestígio, a situação não é melhor do que a que poderiam ter em Portugal; os seus pais ocupam na sua grande maioria empregos mais ou menos abandonados pelos Franceses. Por conseguinte, é lógico que o impacto deste determinante seja neles tão elevado ou até mais elevado do que se verifica em Portugal. Enfim, os adolescentes portugueses que vivem em França, uma sociedade tecnologicamente mais avançada que Portugal, preferem menos que os jovens portugueses empregos manuais, estando desta vez muito próximos dos jovens franceses.

Apesar das mudanças suscitadas pela migração estará a coesão nacional ameaçada? A resposta a esta questão tem necessariamente de ser polissémica. No entanto, correndo o risco de ser simplista no que respeita a uma questão tão complexa, se tomarmos como um dos indicadores da coesão nacional a identidade nacional, não parece que a coesão nacional seja ameaçada pela emigração.

### *IDENTIDADE NACIONAL*

A Identidade ou o modo como geralmente pensamos sobre nós próprios pode ser em termos culturais, incluindo os étnicos e radicais, ou noutros factores, como, por exemplo, o sexo e as qualificações psicológicas. Estamos sobretudo aqui interessados na identidade étnica e no modo como ela muda no decurso da aculturação.

Num estudo efectuado com migrantes portugueses puderam ser evidenciadas as auto-representações e sua estruturação (Neto, 1986). Do perfil das representações pelo menos as referências migratórias, o estatuto social, a identidade portuguesa, as referências ao regresso, categorias que estão mais relacionadas com identidade social, devem a sua emergência à situação migratória. Sobre a identidade pessoal, ela é em grande parte determinada pela situação migratória, mas aí o sujeito é portador de todo um passado cujos efeitos não podem ser negados. No entanto certos temas, tais como o pecúlio, o trabalho, a solidão, parecem provir em certa medida da situação migratória. As três dimensões mais importantes da identidade postas em evidência, por



o aspecto político do seu vivido, a aspecto social evocando o seu estatuto social de trabalhador. Esta constelação de variáveis reflecte que se trata de sujeitos implicados socialmente «aqui e agora», parecendo ter boas relações interpessoais no novo meio. Esta implicação social acompanha-se também de uma representação de si positiva. Este perfil corresponde sobretudo a migrantes que terminaram a sua instrução primária, com um tempo de estadia entre os 10 e os 13 anos, do sexo masculino e que referem um projecto migratório sob o signo do conflito de escolha.

No quadrante superior esquerdo encontramos sujeitos que têm consciência do seu corpo e da sua identidade sexual, dinâmicos e activos. Este perfil corresponde sobretudo aos sujeitos que habitavam numa zona urbana antes de emigrarem e que têm como perspectiva migratória de futuro o regresso a longo termo.

Avançando para o quadrante superior direito, situam-se aí as variáveis que significam que certos sujeitos tomaram em conta na sua maneira de se definirem a relação afectiva à sua família, as referências ao regresso e a desvalorização de si ao nível das características pessoais. Tratam-se de migrantes implicados socialmente na sociedade de origem, cujas referências identificatórias mostram a preocupação em vincularem-se às suas raízes. Este perfil corresponde sobretudo a migrantes nascidos em zonas rurais, habitando os arredores de Paris, com um tempo de estadia mais longo e do sexo feminino. Localizam-se também aí os que pensam regressar a Portugal.

No quadrante inferior direito encontramos a reivindicação do direito à diferença «aqui e agora» que se exprime mediante as referências migratórias e a identidade portuguesa. Esta reivindicação acompanha-se de desvalorização de si tanto ao nível comportamental como ao nível das relações sociais. Este perfil caracteriza sobretudo os migrantes analfabetos ou que não terminaram a instrução primária, residentes em zonas rurais antes de emigrar e residentes em Paris ou em Reims, solteiros ou casados mas não acompanhados do respectivo cônjuge e com um tempo de estadia entre 7 e 10 anos. Na sua perspectiva migratória de futuro está o regresso a médio prazo ou a fixação definitiva em França.

A identidade nacional aparece pois sobretudo associada aos que perspectivam o seu regresso antes da reforma ou um tanto quanto paradoxalmente nos que pensam instalar-se definitivamente em França. Para certos autores

a identidade nacional tem sempre a mesma função, qualquer que seja a situação encarada: importante no começo da estadia, perde a sua importância com a sua aculturação do migrante. Estes autores não prevêem nas suas conclusões as situações em que a identidade persiste como importante, paralelamente a uma boa aculturação. A nacionalidade não tem sempre uma só e mesma função e, por conseguinte, uma total identificação com as origens pode ser perfeitamente compatível com uma boa adaptação. Os dados apresentados vão assim neste sentido, pois as referências identificatórias nacionais estão presentes, quer nos que encaram o regresso a curto ou a médio prazo e que são aqueles que têm mais dificuldades adaptativas, quer nos que pensam instalar-se em França e têm perfil de adaptação integrativa. A presença nas representações de si próprio da identidade nacional nos migrantes que já não têm um projecto de regresso indica que a adaptação integrativa não pressupõe a assimilação.

Questionados sobre a identidade nacional reivindicada pelos jovens de origem portuguesa a que já nos referimos aquando dos modos de aculturação e do stress de aculturação 59% consideravam-se Portugueses e Franceses, 35% Portugueses, 4% Franceses e 2% não responderam. Por consequência, para a grande maioria destes jovens da segunda geração o grupo nacional de origem de seus pais ainda era um grupo de referência positivo.

Esta reivindicação de poder viver em França como portugueses é provavelmente a única solução realista, o que leva à criação de uma identidade original. Trata-se de um modo de enraizamento na comunidade receptora sem negar as suas origens e segundo um estilo relacional novo (Abou, 1978). Outros investigadores confirmaram (Migrations/Études, 32, 1980) que a originalidade portuguesa compreende um conjunto de estratégias que se apoiam entre outros suportes, na forte referência a uma identidade nacional e cultural. Relembremos, e aqui entramos na História, que o povo português foi um dos primeiros povos europeus a adquirir uma verdadeira identidade nacional (Godinho, 1982).

Em suma, há uma ampla evidência de que a identidade cultural pode mudar. Constitui uma dimensão psicológica que pode evoluir ao longo da vida cuja análise pode por em evidência processos ou estratégias identitárias e variações interindividuais no seio de um mesmo grupo cultural.

A migração ao longo dos séculos tem projectado Portugal no mundo, tendo-se formado comunidades lusas espalhadas pelas cinco partes do mundo (Aguiar, 1987). E o futuro? Que pensam os jovens na actualidade da emigração?

### *PROJECTOS MIGRATÓRIOS*

A realidade do fenómeno migratório assume contornos muito moveções por essência. Uma análise deste real efectuada hoje pode já não ser verdadeira no dia seguinte. Assim propusemo-nos abordar a evolução das representações da migração (Neto, 1991). Estas representações serão estáveis ao longo do tempo.

A amostra era constituída por 960 adolescentes, sendo metade entrevistados em 1982 e a outra metade em 1987; metade residiam em zonas urbanas e a outra metade em zonas rurais de Trás-os-Montes.

Qualquer que seja o elemento constitutivo da representação da emigração que se considere, encontramos no seu seio dimensões em que se encontra uma certa estabilidade temporal e outros que mudaram, embora em graus diversos.

Seja como for, parece haver uma maior valorização do fenómeno migratório nas representações sociais da migração em 1987 que em 1982. É por exemplo o caso da atitude em relação à emigração, da representação do processo adaptativo e do projecto migratório. Limitar-nos-emos a referir alguns dos aspectos do projecto migratório.

A intenção de emigrar abrange uma parte importante da amostra (53%), sendo mais numerosos os jovens que a exprimem em 1987 (59%) que em 1982 (48%). Esta intenção comportamental diferencia-se também segundo as outras variáveis de estratificação. A emigração está mais nas perspectivas de futuro dos rurais, dos rapazes e dos jovens de nível sociocultural médio. Parece pois confirmar-se ao nível destas três variáveis de estratificação que aquilo que influencia a este nível a intenção de emigrar, na idade em que esta decisão pode ser tomada, influencia de maneira bastante semelhante a intenção de emigrar numa idade em que ainda não se põe a questão de uma tradução concreta dessa intenção autonomamente.

O projecto migratório constitui pois um elemento importante do projecto de vida. Aos conceitos de projecto escolar, de projecto profissional, é necessário juntar o de projecto migratório, se se pretender completar o campo do projecto de vida dos adolescentes.

Os «objectos motivacionais» mencionados em primeiro lugar pelos que têm intenção de emigrar são por ordem decrescente: trabalho, salário, conhecimento de um país novo; em segundo lugar, também por ordem decrescente, aparece salário, conhecimento de um país novo, possibilidades de sucesso limitadas em Portugal; em terceiro lugar surge salário, procura de aventura e conhecimento de um país novo (figura 3). Quando se consideram globalmente as três primeiras causas evocadas, duas parecem com a mesma frequência, falta de trabalho (17%) e salário insuficiente (17%), seguidas do conhecimento de um país novo (14%) e de possibilidades de sucesso limitadas (12%).

Se se comparar as motivações atribuídas à emigração portuguesa com as motivações que estão na origem dos que têm intenção de emigrar, verifica-se uma diminuição das motivações socio-económicas e um nítido aumento das motivações cognitivas e de exploração (figuras 3 e 4). Os valores das motivações evocadas pelos que têm intenção de emigrar para a emigração portuguesa e para si próprio são significativamente diferentes. Verifica-se, pois, que no caso da antecipação cognitiva do futuro papel de emigrante nos jovens, as motivações socio-económicas já não estão omnipresentes, mas as motivações cognitivas e de exploração conseguem ombreá-las.

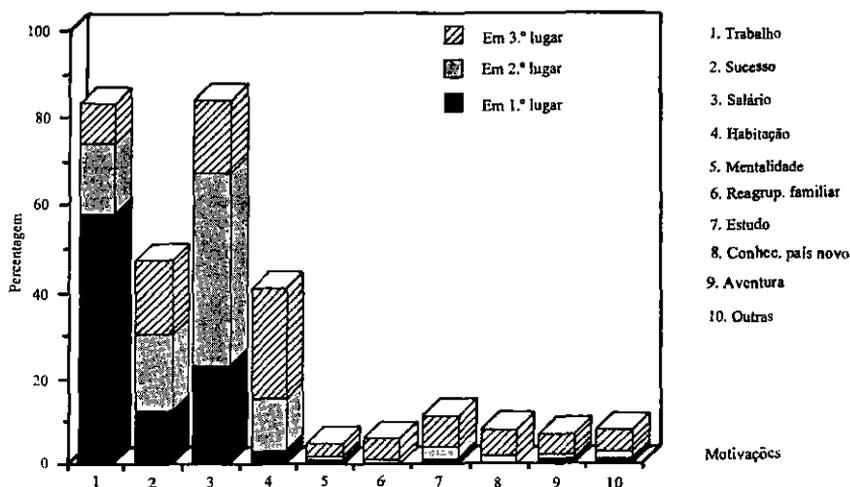


Figura 3: Motivações da emigração portuguesa para o conjunto dos dois anos

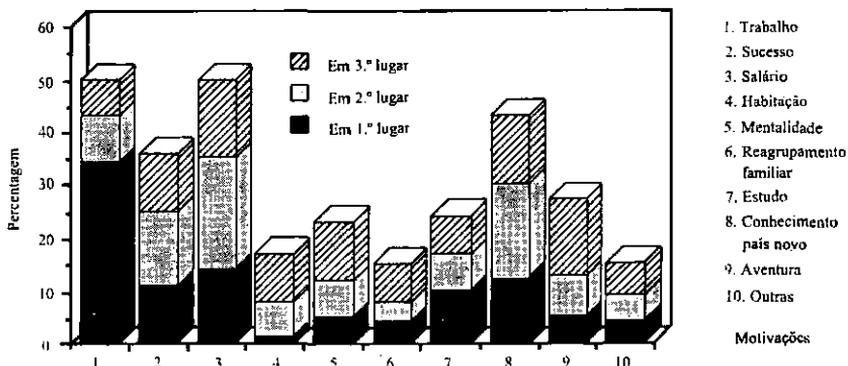


Figura 4: Motivações do projecto migratório para o conjunto dos dois anos

Relativamente à evolução temporal da principal motivação evocada pelos que têm intenção de emigrar, aparecem duas diferenças significativas ligadas à falta de trabalho (38% em 1987 contra 29% em 1982) e prosseguimento de estudos (14% em 1982 contra 6% em 1987).

Quais os países de destino pespectivados pelos que têm intenção de emigrar? São mencionados 23 países espalhados pelos cinco continentes. Pouco menos de dois terços dos sujeitos ancoram o seu olhar intencional na Europa (64,6%). Pouco menos de um terço estão voltados para a América (29,2%). As referências a países de África, Ásia ou Oceania são episódicas (figura 5).

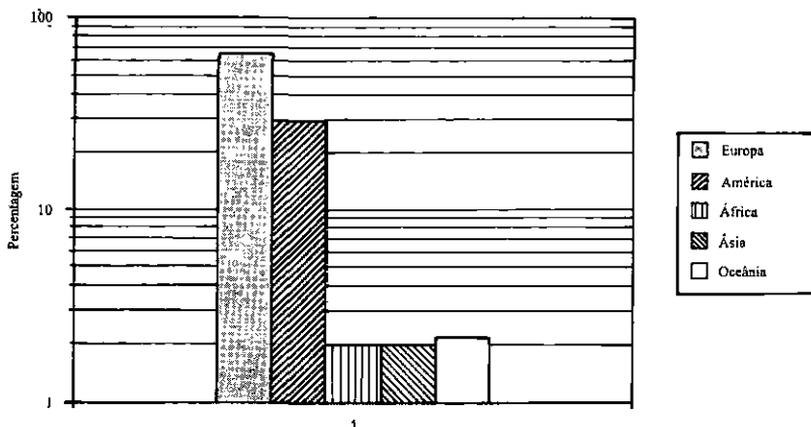


Figura 5: Continente onde se situa o país de destino dos jovens com intenção de emigrar para o conjunto dos dois anos

Em 1987 a Europa ainda atrai mais os jovens como virtual continente de destino que em 1982 e, isto, em detrimento da América, da África (figura 6).

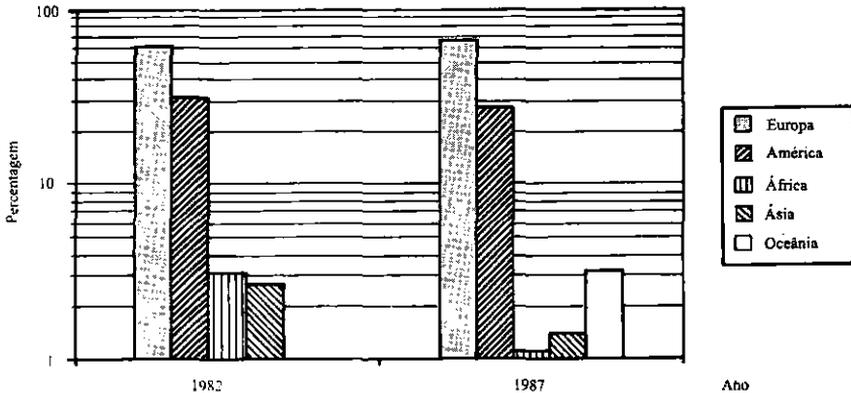


Figura 6: *Continentes onde se situa o país de destino dos jovens com intenção de emigrar por ano.*

No conjunto dos dois anos o país receptor privilegiado é a França (27%), seguindo-se os Estados Unidos (19%), a Suíça (14%) e a Grã-Bretanha (12%). A evolução temporal desempenha um papel em favor da Suíça (7% em 1982 contra 19% em 1987) e em detrimento de países como os Estados Unidos (23% em 1982 para 15% em 1987) e da Alemanha Federal (10% em 1982 para 5% em 1987).

Interrogaram-se também os jovens sobre a forma como encaravam a sua virtual emigração: temporária ou definitiva? Há um forte consenso entre os que consideram a emigração como objecto intencional próprio em perspectivá-la como temporária, 86,5% desses jovens pensam passar no estrangeiro alguns anos e 13,5% toda a vida. Por consequência mesmo se hoje há em Portugal muitos jovens que anseiam em entrar em contacto com o mundo dos outros, a sua grande maioria pensa também não consumir fora toda a sua existência.

## CONCLUSÃO

Para se saber até que ponto os resultados brevemente enunciados de estudos efectuados com jovens de origem portuguesa em França podem fornecer uma base para generalizações a outros países receptores, será necessário

conduzir vários programas de investigação com grupos utilizando uma metodologia comparativa. Já se dispõe hoje em dia de um certo número de informações sobre o processo de aculturação em geral e sobre os factores susceptíveis de provocar e de fazer variar o *stress* de aculturação. Para além do *stress* de aculturação muitas outras mudanças podem ocorrer na pessoa em aculturação e referimos em particular mudanças nos estereótipos sexuais e nas preferências profissionais. Estas mudanças não parecem obedecer à lei do tudo ou nada havendo uma complexa e profunda interpenetração de opiniões, atitudes e comportamentos próprios às duas sociedades de que o migrante é portador. Mas nos jovens de origem portuguesa ainda perdura o grupo nacional dos pais como grupo de referência. O farol orientador da evolução dos jovens contactados parece ser a integração na acepção apresentada. Resta esperar que estes dados viabilizem a planificação de uma gestão do proceso de aculturação, evitando-se a maior parte dos problemas de *stress* e promovendo a adaptação dos grupos que passam pelas sendas da aculturação. As condições subjectivas que favoreçam a Integração numa sociedade pluralista, seriam susceptíveis de contribuir para que essa seja a estratégia predominante e de reduzir simultaneamente a possibilidade das pessoas se sentirem marginalizadas.

Do modo como os jovens vêem o fenómeno migratório ressaltam representações sociais mais valorizadas do fenómeno migratório em 1987 que em 1982. Aumentou particularmente o número de jovens que em 1987 ansiavam por entrar no mundo dos outros. Por outro lado, pode-se também verificar que ainda faz parte das perspectivas de futuro de um certo número de jovens de origem portuguesa vir viver para a terra de seus pais. Estando nós em Vila Real e, sendo eu próprio transmontano, seja-me permitido concluir com as palavras de Miguel Torga esperando com uma atitude activa pela sua concretização: «Começo a caber na pátria. Já não olho a fronteira com a inquietação de outrora. O corpo e o espírito vão-se acostumando à ideia de que os sete palmos nacionais de terra chegam perfeitamente para consumir um destino humano» (Torga, 1983, p. 18).

*Félix Neto*

Universidade do Porto  
 Faculdade de Psicologia e de Ciências  
 da Educação

## REFERÊNCIAS

- Abou, S. (1978). Intégration et acculturation des immigrés: Um modèle d'analyse. *Migrants-Formation*, 29/30, 35-39.
- Aguilar, M. (1987). *Política de emigração e comunidades portuguesas*. Porto: Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, Centro de Estudos.
- Berry, J. (1980). Acculturation as varieties of adaptation. In A. Padilla (Ed.), *Acculturation: theory, models and some new findings*. Boulder: Westview Press.
- Berry, J., e Annis, R. (1974). Acculturative stress. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 5, 382-406.
- Berry, J., e Kim, U. (1987). Acculturation and mental health. In P. Dasen, J. Berry, e N. Sartorius (Eds.), *Health and cross-cultural psychology: Towards applications*. London: Sage.
- Brehmer, B., e Joyce, C. (1988). *Human judgment: The S. J. T. view*. Amsterdam: North Holland.
- Dohrewend, B. S., e Dohrewend, D. P. (1974). *Stressful life events: Their nature and effects*. New York: Wiley.
- Duchac, R. (1974). *La sociologie des migrations aux États-Unis*. Paris, La Haye: Mouton.
- Glazer, N. e Moynihan, D. (1975). Introduction. In N. Glazer, e D. Moynihan (Eds.), *Ethnicity: Theory and experience*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Glazer, N., e Moynihan, D. (1963). *Beyond the melting pot*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Godinho, M. (1978). L'émigration portugaise (XV<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècles): Une constante structurale et les réponses aux changements du monde.
- Godinho, M. (1982). *Identité culturelle et humanisme universalisant*. Lisboa: IPED.
- Gordon, M. (1964). *Assimilation in American life*. New York: Oxford University Press.
- Graves, T. (1967). Psychological acculturation in a tri-ethnic community. *South-Western Journal of Anthropology*, 23, 337-350.
- Lazarus, R. (1966). *Psychological stress and the coping process*. New York: McGraw-Hill.
- Lippman, W. (1922). *Public Opinion*. New York: Mc Millan.
- Marcadé, J. (1990). L'émigration portugaise. *Revue Européenne des Migrations Internationales*, 6 (22), 133-145.
- Ministère du Travail et de la Participation (1980). Le rôle de l'information dans l'évolution des comportements et des aspirations des migrants portugais au cours de leur séjour en France. *Migrations/Études*, 32.
- Mullet, E., e Neto, F. (1988). *Tomada de consciência dos determinantes das preferências profissionais: Teoria e método*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Neto, F. (1985). *Jovens portugueses em França: Aspectos da sua adaptação psico-social*. Porto: Edições Jornal de Psicologia.
- Neto, F. (1986). *A migração portuguesa vivida e representada*. Porto: Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, Centro de Estudos.
- Neto, F. (1990). *Contribuições da investigação em Psicologia para a compreensão do fenómeno migratório português: Lição de síntese*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Neto, F. (1991). *Social representations of portuguese migration: A diachronic analysis*. Paper presented at Second European Congress of Psychology, Budapest, Hungary
- Neto, F., Mullet, E., e Henry, S. (1988). Effects interculturels dans la détermination des préférences professionnelles. *Cahiers d'Anthropologie et Biométrie Humaine*, VI, n.º 3-4, 153-163.
- Neto, F., Willims, J. e Widner, S. (1991). Portuguese children's knowledge of sex stereotypes: Effects of age, gender and socio-economic status. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 22 (3), 376-388.
- Readfield, R., Linton, R., e Herskovits, M. (1936). Memorandum on the study of acculturation. *American Anthropologist*, 38, 149-152.

- Rocha-Trindade, M. B., Baptista, L., Mendes, M., e Teodoro, V. (1988). *População escolar directa e indirectamente ligada à emigração*. Lisboa: Projecto Universidade Aberta.
- Selye, H. (1976). *The stress of life* (Rev. Ed.). New York: McGraw-Hill.
- Serrão, J. (1974). *A emigração portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Sternglanz, S., e Serbin, L. (1974). *Sex role stereotyping in children television programs*. *Developmental Psychology*, 10, 710-715.
- Torga, M. (1969). *Traço de união* (2.ª ed.). Coimbra: Edição do autor.
- Torga, M. (1983). *Diário XIII* volume. Coimbra: Edição do autor.
- Williams, J., e Best, D. (1990). *Measuring sex stereotypes: A multinational study* (Revised Edition). Newbury Park: Sage Publications.

Félix Neto